

211

1952

Caixa 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

10
M 360
P2

DISTRIBUIÇÃO

Circular nº 1 do Colégio
Rio Branco.
S. Paulo

Regulamentação
Estabelecimentos de Ensino
Ensino Médio
* SP *

211

S. Paulo

COLÉGIO RIO BRANCOPatrimônio da "Fundação de Rotarianos de São Paulo"
Rua Dr. Vila Nova, 285
SÃO PAULO

1952

C. 1

São Paulo, 10 de março de 1952

C I R C U L A R N° 1

A. ÍNDICE GERAL

Item n°	T í t u l o	Página
1	Da Biblioteca da casa	1
2	Das técnicas de estudo	3
3	Dos novos programas	5
4	Da recapitulação e do comêço pausado	6
5	Da necessidade de correlacionar e tra- var o conteúdo das disciplinas	6
6	Dos erros de linguagem	8
7	Da permanência de disposições anteriores	9
8	Da freqüência dos Senhores Professôres	16
9	Dos boletins mensais de médias e faltas	17
10	Da disciplina	18

B. ÍNDICE ALFABÉTICO DA MATÉRIA

(com referência, também, às páginas)

Biblioteca e ensino - 2 ss.	Matéria lecionada, registro da - 18
Biblioteca, regulamento da - 1 (e anexo n° 1)	Material escolar - 12
Boletins mensais de médias e faltas - 17	Notas de aproveitamento - 11, 17
Conceito de disciplina - 19	Objetivos do Colégio Rio Branco - 10, 21
Correlação das disciplinas - 6	Papel dos professôres - 22
Crítica das sabatinas - 12	Pontualidade - 9, 16
Disciplina como pseudo-problema - 18	"Problema de disciplina" - 18
Disciplinas e sua correlação - 6	Programas novos - 5
Ensino e biblioteca - 2 ss.	Recapitulação - 6
Entrada em aula - 9	Registro da matéria lecionada - 18
Erros de linguagem - 8 (e anexo n° 2)	Regulamento da Biblioteca - 1 (e anexo n° 1)
Estudo, técnicas de - 3	Sabatinas - 10, 11
Exclusão de aula - 21	Suspensão de alunos - 21
Exercícios escritos - 13	Técnicas de estudo, bibliografia sôbre - 4
Freqüência dos Senhores Professôres - 16	"Zero no mês" ... - 11
Lições para casa - 13 ss.	
Linguagem, erros de - 8 (e anexo n° 2)	

São Paulo, 10 de março de 1952

Senhor Professor

c/ Esta circular será, pela variedade e pela extensão de matéria de que trata, a mais longa de quantas já tive ensêjo de fazer chegar às mãos dos prezados Colegas. Vou, assim, e desde logo, pedindo ~~des~~culpas pelo estirado da comunicação e agradecendo a leitura do texto.

Creio poder declarar, de início, que êsse texto será talvez interessante que o Senhor Professor o conserve, pois nele se contêm algumas indicações de trabalho, que é de vantagem ter assim reunidas, a modo de consolidação. Escusa dizer que estou à disposição do Senhor Professor para qualquer entendimento verbal sôbre ponto aqui, porventura, insuficientemente versado.

A circular, como já terá notado o Senhor Professor, é provida de índice, com a matéria duplamente referida aos parágrafos, ou secções e, na ordem alfabética, aos temas e suas subdivisões.

x x
x x

1. DA BIBLIOTECA DA CASA

Em anexo (nº 1), encontrará o Senhor Professor o regulamento da Biblioteca, impresso recentemente, em tiragem bastante a torná-lo conhecido de todos os nossos alunos aos quais a livraria possa interessar. Será distribuído nas classes êsse regulamento; e, de futuro, virá a figurar, entre outras indicações úteis, na caderneta escolar dos alunos da Escola Secundária e nos boletins, ou noutra impresso adequado, dos da Escola Primária.

ENSINO E BIBLIOTECA

Esse regulamento, o mesmo para todos nós, sem qualquer exceção em qualquer de seus artigos, é, naturalmente, perfectível; e desde já agradeço a sugestão e a crítica com que o Senhor Professor houver por bem honrar-nos, a tal respeito.

Repito aqui o apêlo ao Senhor Professor, no sentido de que, previamente familiarizado com o fundo da Biblioteca, prossiga exercendo, sôbre nossos alunos, aquela influência altamente educativa que consiste em orientar-lhes a leitura. Permita-me que lhe ponha diante dos olhos oportunas passagens de excelente estudo das relações entre ensino e biblioteca:

"Na obra da cultura, ensino e biblioteca se completam. Com o primeiro, vive a tradição que, nos livros, se acumula e expande. A ação do mestre proporciona comunicação mais viva e intensa, mas, por sua própria natureza, de extensão limitada. A ação do livro, ao contrário, tudo pode abranger, é onímoda e universal. Falta-lhe, porém, a flexibilidade e as qualidades de pronta adaptação a cada caso individual, que só a ação do mestre pode proporcionar. Sem o ensino não haveria a comunicação de alma a alma; mas, sem o livro, a experiência humana seria muito escassa."

.....

"Ensino e biblioteca são, assim, instrumentos complementares. Para a obra da cultura, o mestre e o livro têm de concorrer harmoniosamente. Dizia EMERSON que o que de melhor podem fazer as escolas, simples classes primárias ou universidades, é ensinar a ler. Ensinar a ler, isto é, habilitar as crianças e os jovens a saber servir-se do patrimônio da experiência comum e milenária, que a tradição escrita pode oferecer. E CARLYLE, por sua vez, lembrou que uma boa coleção de livros representa uma universidade, - subentendido, é claro, que se tenha feito, antes, um bom curso secundário ..."

"Pode-se afirmar, com efeito, que o mestre será tanto mais capaz quanto mais rápida e completamente chegue a tornar-se inútil ao aluno ou, seja, tanto quanto possa levá-lo a trabalhar por si, com a própria experiência, e com a que encontre nos livros. Dêsse modo, terá feito do aluno

ENSINO E BIBLIOTECA

o seu próprio guia, e se terá substituído, não por outro mestre, mas por todos os mestres, de todos os tempos, lugares e idiomas, pelos de tôdas as escolas, tendências e temperamentos. Ter-se-á multiplicado ao infinito, desde que haja inculcado os princípios e as técnicas da auto-educação, a prática da liberação pessoal pela cultura."

"Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino ou, seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto." (LOURENÇO FILHO, "O ensino e a biblioteca", conferência pronunciada na Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público, Imprensa Nacional, Rio, 1944, pp. 3-4).

E, para terminar êste primeiro item, recordo o que já o Conselho Técnico da casa havia recomendado, com instância, em circular de 1º de agosto de 1949, nestes termos:

"Pede (...) o Conselho, ao Senhor Professor, que, inteirado das obras cuja leitura, ou consulta, pode sugerir e recomendar aos alunos, na certeza de que tais obras estão à mão, dê sua colaboração assídua à formação do excelente hábito de estudar nos livros. Com o tempo, e graças à comprovação cotidiana da vantagem do livro como instrumento de cultura, poderemos vir a tornar nossos alunos conhecedores seguros de boas técnicas de estudo e, pois, libertá-los da espécie de fetichismo que, na maioria dos casos, ainda os amarra aos "pontos" estereotipados e, não raro, omissos ou errados."

X X
X X

2. DAS TÉCNICAS DE ESTUDO

Todos nós, professôres, já teremos notado, de alto a baixo dos graus escolares, que muito aluno não sabe estudar. Não é bastante e, a rigor, nem mesmo é acertado, pôr-se a gente apenas a criticar os alunos por uma deficiência de que, pensando bem, talvez

ENSINO E BIBLIOTECA

o seu próprio guia, e se terá substituído, não por outro mestre, mas por todos os mestres, de todos os tempos, lugares e idiomas, pelos de tôdas as escolas, tendências e temperamentos. Ter-se-á multiplicado ao infinito, desde que haja inculcado os princípios e as técnicas da auto-
educação, a prática da liberação pessoal pela cultura."

"Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino ou, seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto." (LOURINÇO FILHO, "O ensino e a biblioteca", conferência pronunciada na Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público, Imprensa Nacional, Rio, 1944, pp. 3-4).

E, para terminar êste primeiro item, recordo o que já o Conselho Técnico da casa havia recomendado, com instância, em circular de 1º de agosto de 1949, nestes termos:

"Pede (...) o Conselho, ao Senhor Professor, que, inteirado das obras cuja leitura, ou consulta, pode sugerir e recomendar aos alunos, na certeza de que tais obras estão à mão, dê sua colaboração assídua à formação do excelente hábito de estudar nos livros. Com o tempo, e graças à comprovação cotidiana da vantagem do livro como instrumento de cultura, poderemos vir a tornar nossos alunos conhecedores seguros de boas técnicas de estudo e, pois, libertá-los da espécie de fetichismo que, na maioria dos casos, ainda os amarra aos "pontos" estereotipados e, não raro, omissos ou errados."

X X
X X

2. DAS TÉCNICAS DE ESTUDO

Todos nós, professôres, já teremos notado, de alto a baixo dos graus escolares, que muito aluno não sabe estudar. Não é bastante e, a rigor, nem mesmo é acertado, pôr-se a gente apenas a criticar os alunos por uma deficiência de que, pensando bem, talvez

TÉCNICAS DE ESTUDO

sejamos também um tanto culpados. O que nos cabe, e todos certamente procuramos fazer, é introduzir disciplina e método nesse trabalho, difícil entre todos, de estudar para formar o espírito e, não, apenas para passar nos exames, objetivo simpático e meritório, sem dúvida, mas insuficiente e acanhado. Aqui, pois, outro apêlo: procuremos todos, com afincos, ensinar a estudar, ao lado do que já vimos fazendo, ensinar o que estudar. Como contribuição a essa tarefa, eminentemente própria de professores, pede o Colégio vênica para oferecer, ao Senhor Professor, um exemplar de opúsculo recente, no qual a Professôra VIOLETA VILLAS BOAS trata, precisamente, de Como estudar (suplemento nº 10 da revista "Atualidades Pedagógicas", Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1952). É trabalho elementar, como o desejou a própria Autora. Ainda assim, encerra mais de uma sugestão interessante, sobretudo se, na prática, vier a haver, como cumpre, o cuidado de adaptação ao grau escolar.

À Bibliografia que a Autora indicou, poderiam fazer-se acréscimos, de leituras em português, originais ou traduzidas. Já em 1913, MEDEIROS E ALBUQUERQUE indicava a conveniência de orientar o estudo, em trabalho intitulado "Para aprender a aprender ..." (em seu livro Pontos de vista, Alves, Rio, 1913, pp. 323-9). MEDEIROS começava assim: "O que de mais notável um aluno aprendeu no curso secundário, quando o terminou, tendo estudado, não foi tanto um certo número de disciplinas, como esta coisa essencial: aprendeu a estudar"; e, logo adiante, reconhecia que essa "grande ciência" tinha sido adquirida, pelo aluno, "através de infinitas dificuldades." Em 1935, CELISA RIBEIRO DE ARRUDA publicou esquema assaz completo de

DOS NOVOS PROGRAMAS

"Como estudar com eficiência" (Arquivos do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, ano I, nº 1, pp. 160-84). Em 1936 e 1937, FARIA DE VASCONCELOS deu à estampa A arte de estudar (2 vols., Biblioteca de Cultura Pedagógica, Livraria Clássica Editora, Lisboa). Em 1936 ainda, foi publicado, em tradução portuguesa, o livro de AGUAYO, Pedagogia científica; Psicologia e direção da aprendizagem (trad. de J. B. Damasco Penna, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Companhia Editôra Nacional, São Paulo), cujo capítulo XX trata de "O estudo dirigido"; do mesmo Autor, no ano anterior, tinha sido editada, na mesma coleção, outra obra, na qual também se trata do assunto (AGUAYO, Didática da escola nova, trad. port. de J. B. Damasco Penna e Antônio d'Avila, cap. XIII).

Do opúsculo Como estudar (Plano de estudo dirigido), haverá exemplares na Biblioteca; e outros irão ter às mãos dos alunos que se venham a interessar pelo domínio mais completo da técnica do estudo.

x x
 x x

3. DOS NOVOS PROGRAMAS PARA O ENSINO SECUNDÁRIO

O Senhor Professor por certo já os conhece, a esses novos programas. Mas o Colégio tem prazer em oferecer-lhe o folheto publicado pela Editôra do Brasil (que gentilmente nos cedeu os exemplares necessários), no qual se reúnem essas novas delimitações legais do conteúdo do currículo. Salvo o caso de História Geral e do Brasil, cujas modificações de programa são anteriores e, por isso,

DA RECAPITULAÇÃO E DO COMEÇO PAUSADO

abrangem também as segundas séries, os demais entram em vigor, este ano, nas primeiras séries de ambos os ciclos. Pede-se, pois, aos Senhores Professôres dessas séries, o melhor de sua atenção para a letra e para o espírito dos programas novos.

x x x

4. DA RECAPITULAÇÃO E DO COMEÇO PAUSADO

Os alunos vêm de férias; e, além disso, vêm, nas primeiras séries (máxime no Ginásio, mas também no Colégio), de condições de trabalho sensivelmente diferentes. Eis aí boas razões para aconselhar a prática que o Colégio recomenda, com particular insistência: utilizemos as aulas de março para promover a desejável ambientação intelectual, social, e até moral, das classes, quer com as disciplinas a estudar, que com os traços da vida escolar aqui no Rio Branco. Façamos recapitulações, quando e quanto caibam, a fim de situar o espírito do aluno no ponto de retomada conveniente. E, para situá-lo no ponto de partida, quando fôr o caso, apresentemos pausadamente os prolegômenos da disciplina, sempre lembrados de que os alunos não têm, como é óbvio, os mesmos recursos de adaptação pronta de que nós professôres dispomos, já pela cultura maior, já pelo automatismo há mais tempo montado.

x x x

5. DA NECESSIDADE DE CORRELACIONAR E TRAVAR O

CONTEÚDO DAS DISCIPLINAS

Outra recomendação, por igual oportuna, é a que diz respeito à indiscutível conveniência de aproximar umas das outras as

ENSINO CORRELACIONADO

disciplinas, de modo a reforçar os laços associativos, fundamentais no processo de aprendizagem. Já, naturalmente, muita coisa se virá fazendo nesse sentido; mas, será necessário intensificar e sistematizar essas aproximações. Talvez conheça o Senhor Professor o depoimento de um mestre contemporâneo da Psicologia e da Pedagogia, que recorda o mal de extrema separação, de que foi vítima quando aluno de escola secundária, e o faz por estas palavras:

"Quando eu freqüentava o ginásio, o programa se compunha de uma dúzia de matérias, ensinadas por uma dezena de professores, que se ignoravam uns aos outros e que caminhavam no ensino sem nenhuma organização comum, como se ria necessário para proveito dos alunos. O resultado foi que, ao invés de um edifício sólidamente travado, o que criaram em meu espírito foi apenas uma colunata, bastante mais frágil. Cada professor levantava a coluna de sua matéria, e algumas dessas colunas chegavam a grande altura; diversas eram bastante frágeis, precisamente as mais altas ... Não me recordo, porém, de que jamais se tenha tratado de estabelecer entre todos êsses pilares, algumas pontes, arcos e abóbadas que viessem assegurar a sua solidez. Haveria também necessidade de levantar algumas dessas colunas lado a lado, ao envez de fazê-las longe uma da outra. Assim, a coluna de história da literatura francesa fôra erguida em lugar muito afastado do da história política da França. Parecia-me que algumas dessas colunas pertenciam a um universo diferente e que a Idade Média da história era outra Idade Média que não a da literatura ... A tal ponto que, se, por casualidade, um personagem que eu tivesse conhecido no estudo da literatura, fôsse encontrado de novo no curso de história, custava-me representá-lo como o mesmo indivíduo. Era possível imaginar que uma mesma pedra pudesse pertencer, ao mesmo tempo, a duas colunas diversas, tão distantes o de tão diversa altura, não apresentando nenhum ponto de intersecção? Não; custava-me muito admiti-lo, e vendo-me na impossibilidade de fazer coincidir dois momentos tão distantes no tempo e no espaço, preferia duplicar êsses personagens, a conceder-lhes o dom da ubiquidade ... Recordo-me muito bem de que, para mim, Carlos, o Temerário, que viamos aparecer de vez em quando no quadro da história suíça, era alguém absolutamente estranho ao duque do mesmo nome e de que falava a história de França. Porque estas duas histórias constituíam duas colunas distintas ..."

(ED. CLAPARÈDE, A escola e a psychologia ex-

o/
u/

DOS ERROS DE LINGUAGEM

perimental, trad. port. de Lourenço Filho, vol. II da Biblioteca de Educação, Melhoramentos, São Paulo, s/d, pp. 35-7).

As nossas conversas na Sala dos Professôres, naquele ambiente de tamanha animação e cordialidade, bem poderiam servir para planejar e ajustar muita aproximação útil. Isso, é claro, sem prejuízo dos temerosos problemas que em tais conversas se discutem...

x x x

6. DOS ERROS DE LINGUAGEM E DA NECESSIDADE DE CORRIGÍ-LOS

Não cabe, aqui e agora, discutir a série de razões por que os alunos escrevem e falam mal. O fato, que todos podemos testemunhar, é êste: fala-se mal e escreve-se ainda pior. Cabe-nos, a nós professôres, corrigir sempre que oportuno, dar as razões da correção e insistir na forma correta; e, acima de tudo, dar o exemplo constante de escrúpulo no uso da língua, dado que, de certo nível mental em diante, língua é pensamento e usar a língua com acêrtto é apurar o pensamento. Preocupado com o problema, o Conselho Técnico da casa entendeu deverem ser lembrados, dos Senhores Professôres, à guisa de amostra, alguns dos erros mais contraditórios. Os Professôres NASCIMENTO e SALES CAMPOS, aos quais a Diretoria agradece, prepararam uma lista de uns poucos de erros, para servir a êsse propósito (anexo nº 2). Seria do desejar que todos procurássemos realizar trabalho sistemático e convergente nessa matéria, e trabalho realmente educativo, isto é, feito de vigilância, emenda e, sobretudo, exemplo.

x x x

DA ENTRADA EM AULA

7. DA PERMANÊNCIA DE DISPOSIÇÕES ANTERIORES

Do que tenha resolvido a Diretoria, por si ou com base em indicações do Conselho Técnico, em matéria de organização e funcionamento da casa, sempre recebeu o Senhor Professor a devida comunicação e, quase sempre, por escrito. Queira agora atentar em que, nas subdivisões dêste item, está contida t^oda, ou quase t^oda essa matéria já anteriormente regulamentada, aqui acrescida de comentário e desenvolvimento, um e outro com o fim de precisar e definir melhor a intenção e o alcance dessas recomendações. Em suma: o que aqui está é o vigente. Atenção, por obséquio, ao que se segue.

I. Da entrada em aula. - Na circular de 11/3/1948, figurava a recomendação transcrita a seguir:

"Fica a critério do Senhor Professor o permitir, ou não, a entrada de alunos atrasados, na primeira aula de cada período escolar. Nas outras aulas, a não ser em casos excepcionais, também, a juízo do Senhor Professor, não será permitida a entrada. Estas medidas terão, é escusado dizer, a colaboração inestimável do exemplo que os professôres devemos dar, e vimos dando, de estrita pontualidade."

Façamos por dar, constante e consciencioso, o exemplo de "estrita pontualidade": a quem não dá o exemplo falta, por inteiro, o direito de exigir. Pois, exigir sem cumprir é, puramente e simplesmente, imoralidade.

Aquí, porém, entendâmo-nos: advirtamos e aconselhe

DA ENTRADA EM AULA

mos os alunos, reconheçamos que as escadas são duras de subir, má-
e/ xime nas horas de maior afluência; não façamos, enfim, de uma medi-
da que visa à ordem sem violência, um descabido, estranho convite a
chegar primeiro à sala de aula, para fechar a porta a qualquer pre-
tensão de entrar atrasado, embora com aquelas boas razões que a sen-
satez comum é capaz de discernir. O que o Colégio pretende não é,
evidentemente, o comportamento rígido das coisas mecânicas, todos os
professôres a entrar à mesma hora, a fechar a porta à mesma hora, a
começar a chamada à mesma hora, com os alunos em inteira e estupenda
disponibilidade mental à mesma hora. Nada disso ! Mais vale, para
nossos propósitos de formação social e moral, uma ou outra tolerân-
cia compreensiva e amiga do que a conduta maquinal, cerrada a qual-
quer inteligência e, por isso mesmo, destituída de qualquer senso
educativo. Por outras palavras, o ideal é continuarmos a fazer que
a ordem seja sentida como necessária ao rendimento do trabalho e,
não, imposta sem atenuações, forma brutal de ordem que se apresen-
ta com as feições execráveis do mandonismo e da prepotência. E se o
exemplo viesse a faltar, teríamos tudo agravado de injustiça :

II. Das sabatinas. - Na mesma circular de 11/3/1948,
pode ler-se o seguinte:

a) "Cada mês, a Diretoria marcará as datas das sa-
batinas escritas, observado o que dispõe o Regimento In-
terno no § único de seu artigo 26 ("Em caso algum, have-
rá mais de duas sabatinas no mesmo dia, para a mesma clas-
se"). Essas provas deverão ser arquivadas pelos Senhores
Professôres, pelo prazo de três meses, contados do dia
da realização."

DAS SABATINAS E DAS NOTAS DE APROVEITAMENTO

b) "Além de tais sabatinas escritas, de que poderão prescindir, um que outro mês, os docentes cujas disciplinas se prestem a verificações muito frequentes de aprendizado (como é, por exemplo, o caso das línguas), ainda cabem arguições orais, que é de desejar sejam ameadadas, particularmente nas classes do primeiro ciclo."

c) "Ao aluno que não comparecer à sabatina escrita, será atribuída a nota zero. Dar-se-á, contudo, nova oportunidade, sob a forma de arguição oral, sempre que se trate de caso que o alto critério dos Senhores Professores entender merecedor da concessão; e, sendo assim, a nota mensal será a média."

Insistamos num ponto, o da letra c. Todos sabemos distinguir o caso da nenhuma aplicação, que pede, para seu bem, rigor maior, do caso, de vários aspectos, em que caibam compreensão e concessão. Nem por aí confia a Diretoria no "alto critério dos Senhores Professores", empenhados em cumprir esclarecidamente seus deveres de magistério. O intolerável, neste caso, é a atribuição de zeros a torto e a direito, por um nonada, prática muitíssimo errada, tão errada quanto seria a repartição, a esmo, a modo de brinde, da nota máxima. Nos casos de falta disciplinar, o caminho é, evidentemente, outro. E, no caso da aplicação, não cometamos o desconchavo de, a três por dois, brandir zeros como clavas (o que, ao cabo, além de errado, é ridículo a valer). Não cheguemos ao extremo daquele deficientíssimo e, pois, exasperadíssimo professor do qual falam as sagas escolares e que, por dá cá aquela palha, anunciava, terrível, ao mísero aluno, que lhe havia dado "zero no mês"; e, às vezes, logo de saída, na primeira aula ...

III. Ainda das sabatinas. - Há mais. Há duas criteriosas recomendações do Conselho Técnico, transmitidas em circular de 19/8/1950, sob esta forma:

DAS SABATINAS. DO MATERIAL ESCOLAR

a) "Nas sabatinas escritas, o Senhor Professor poderá dispensar os alunos que forem terminando as provas. É ocioso lembrar que nos cabe, a nós professores, insistir, junto aos estudantes, no sentido de que revejam atentamente o escrito, para melhorar fundo e forma e, também, para não ceder ao comodismo do trabalho de afogadilho, defeito intelectual e moral que convém combater desde cedo. Aproveito a oportunidade para agradecer ao Senhor Professor o que venha fazendo, neste particular de tamanha importância e para agradecer, outrossim, a palavra com que recomendar de aos alunos saiam em silêncio, a fim de não perturbar os colegas e a ordem geral da casa."

b) "Na ocasião em que o Senhor Professor comentar, em classe, as sabatinas escritas, nenhum aluno deve ser dispensado. Pois, o comentário visa à crítica das várias formas de deficiência e à exposição, ou proposição, de melhores maneiras de planejar e redigir; ainda quando exercido, portanto, a propósito da prova de um estudante, aproveita a todos. É uma aula como as outras; e, mais, pode ter, sobre as outras, a vantagem da insistência, quer em pontos capitais da matéria, quer em falhas mais contraditórias entre os discentes."

IV. Do material escolar. - Transcrevo, a seguir, outra recomendação do Conselho Técnico, feita em circular de 1º/8/1949.

"Nosso Regimento Interno estabelece, como dever dos alunos (art. 43, letra i), o seguinte: "Comparecer às aulas com os livros, o material didático e o de educação física, em obediência estrita às recomendações dos professores". É ocioso encarecer a importância dessa exigência; e por bem compreendê-la é que os Senhores Professores, em reunião de setembro de 1947, lembraram a adoção da medida aqui transcrita, em vigor desde 19 daquele mês: "Os livros de leitura, nas disciplinas que os requerem, são instrumentos indispensáveis de trabalho: assim, não poderá entrar em aula, e ficará com falta, o aluno que, nos dias indicados pelo professor, deixar de trazer o livro de leitura. O mesmo se dará nas aulas de desenho e trabalhos manuais, no caso de o aluno não trazer o material necessário ao ensino dessas disciplinas".

AINDA DO MATERIAL ESCOLAR

"Como, porém, lamentavelmente ainda persiste, quiçá em menores proporções, o vício de não trazer às aulas o material necessário, é aconselhável acrescentar outra sanção, a qual consistirá em atribuir a nota zero ao aluno desidioso, na aula a que não compareça com o referido material.

Agradeceria aos Senhores Professôres a fineza de fazer, aos discentes, a conveniente advertência, acompanhada, como é natural, da exposição, ainda uma vez - pois que educar é insistir - da necessidade imperiosa de vir o estudante à escola com todos os bons recursos para aprender, inclusive o material que lhe foi indicado. É de crer, e de desejar, que um esforço sistemático e convergente, nesse aspecto da atividade escolar, venha a exercer aquela influência moralizadora a que todos visamos com nosso trabalho, cujo objetivo nunca poderia ser a cominação exclusiva de sanções de tamanha severidade. Está no espírito da recomendação do Conselho Técnico, sincera e louvavelmente empenhado em de sincumbir-se de suas importantes funções, a intenção de diminuir e, se possível, suprimir o êrro, por meios e modos antes de persuasão que de repressão, sempre molesta aos educadores."

É claro que, acima de nossas deliberações, está a lei federal, que tem determinado dar nota mensal "zero" quando, por falta de comparecimento do aluno, não fôr possível apurar-lhe o aproveitamento nesse mês. Mas, está-se a ver que aqui não é caso de zero a trôco de bagatela...

V. Das lições para casa e da apresentação de exercícios escritos. - Na mesma reunião, há pouco referida, de setembro de 1947 (anterior à organização do Conselho Técnico, que data de novembro dêsse ano), os Senhores Professôres propuseram a adoção da seguinte medida:

"Em qualquer disciplina terá zero, na primeira vez, o aluno que não trouxer o exercício escrito indicado pelo professor; na segunda vez, além do zero que de novo lhe será atribuído, haverá comunicação à Diretoria."

DAS LIÇÕES PARA CASA

As lições para casa podem contribuir eficazmente para o rendimento da aprendizagem, desde que bem orientadas. Já teve o Colégio, há coisa de três anos, a satisfação de verificar que, no primeiro ciclo, onde tais trabalhos são mais freqüentes, os Senhores Professôres vinham distribuindo com grande acêrto essas tarefas de modo a evitar acúmulo em qualquer dos dias da semana e a deixar tempo razoável, assim sendo, para a execução cuidadosa e proveitosa. É continuar assim, que vai bem. E, ademais, umas tantas diretrizes poderiam fixar-se, a saber:

a. As lições devem ser interessantes. Continuemos a não dar trabalho forçado, embrutecedor, do ensino de outras eras, torvamente inspirado em desconfiança e em lemas da doçura dêste: "A letra, com sangue, entra ..."

b) As lições não devem ser excessivamente longas. De outra forma, estaria uma disciplina a furtar tempo às outras, quando o certo é ajudarem-se na obra comum. Lembrêmonos de que são muitas as disciplinas de cada série, talvez até excessivas em número. O professor não tem o direito de esquecer êsse fato importante: nada, pois, de marcar tarefas que monopolizem, ou quase isso, a atenção e o trabalho dos alunos. É será fácil evitar o êrro: basta comedir-se na proposição das tarefas de sua disciplina e, para evitar coincidência e acúmulo, consultar os alunos a respeito das outras tarefas que devem apresentar. Consultar os alunos é mais que natural: estamos a trabalhar com êles e, não, contra êles. Além da orientação que nos podem dar (e o próprio tipo da lição poderia, muitas vezes, ser sugerido pelos alunos), dessa consulta decorre outro bene

AINDA AS LIÇÕES PARA CASA

fício: o de demonstrarmos confiança nos discentes, simples retribuição, aliás, e em pequena escala, da imensa confiança que depositam em nós, em nossa competência, em nossos estudos, em nosso espírito de justiça, em nossa sabedoria oracular ... Sem contar que êsse benefício vem a dar num dos meios de chegarem os jovens a ter confiança em si, à fôrça de ver que a merecem da parte dos professôres: tudo leva a crer que boa porção de nossa conduta se organiza assim de fora para dentro, por um processo de interiorização, nítido na tomada de consciência de valores e padrões morais.

c. As lições devem ser proporcionadas às possibilidades dos alunos. Mas, isso já está implícito nas duas diretrizes anteriores.

Se assim continuarmos a fazer e se soubermos compreender que, na vida dos alunos, podem ocorrer as mesmas razões forçosas de impontualidade que ocorrem na vida do professor mais escrupuloso (pois que aluno não é um ser de exceção, a viver só e só para a escola), se soubermos, portanto, distinguir a escusa justa da desculpa esfarrapada, estaremos, a bem do ensino e do próprio discente, na plena posse do direito de punir, nos termos e na intenção da medida acima transcrita. E a Diretoria pede aos Senhores Professôres que não deixem de participar-lhe o nome dos alunos desidiosos, para a necessária, enérgica advertência.

Eis terminado o cumprido item 7. Aí tem o Senhor Professor o que vigora e deve ser cumprido, como qualquer diretiva

FREQÜÊNCIA DOS SENHORES PROFESSÔRES

escolar, com o senso pedagógico próprio do trabalho da escola.

x x x

8. DA FREQÜÊNCIA E DA PONTUALIDADE DOS SENHORES

PROFESSÔRES

A Diretoria agradece, aos Senhores Professôres, o es
fôrço que certamente representa a manutenção, mês após mês, do bom
nível de frqüência, sempre acima dos noventa por cento. Em março de
1951, por terem ocorrido várias modificações no horário, não foi fei
to o registro porcentual de freqüência; nos outros meses letivos, as
coisas se passaram assim:

M Ê S	FREQÜÊNCIA
abril	93,45 %
maio	94,29 %
junho	91,70 %
agosto	93,40 %
setembro	94,93 %
outubro	95,32 %
novembro	91,47 %

Façamos por que melhorem ainda êsses números, até o
ideal de vir a ser coisa rara, e razão de espanto, uma falta de pro
fessor. Aos Senhores Professôres que não faltaram, que não faltam
senão esporadicamente e já estão, portanto, a realizar êsse ideal,
o agradecimento especial do Colégio.

A freqüência se prende à pontualidade; e tanto é as
sim que o Regimento Interno da casa estabelece, como um de nossos de

DOS BOLETINS DE MÉDIAS E FALTAS

veres de professor, e de "comparecer pontual e assiduamente aos trabalhos escolares" (art. 29, letra c). Assim como não poderia interessar ao Colégio a permanência de professores que, embora excepcionais, vivessem a faltar, também não lhe poderia interessar o péssimo exemplo da contumácia no atraso. A tolerância, a ser observada com rigor a partir dêste ano, é de cinco minutos para a primeira das aulas do Senhor Professor, em cada período letivo. Quando ocorra motivo excepcional, fará o Senhor Professor a fineza de comunicar-se, telefonicamente ou por outro meio, com a casa, que saberá ter, com os preza-dos Docentes, aquela compreensão que a êles lhes pede com referência aos alunos.

Tanto no caso da freqüência quanto no da pontualidade, o que a Diretoria deseja, e espera, é que não reapareçam, de futuro, ocasiões que a levem a significar a necessidade de propor, à Fundação de Rotarianos de São Paulo, a dispensa dos serviços (R.I., art. 28, § único).

x x
x x

9. DOS BOLETINS MENSALS DE MÉDIAS E FALTAS

É de extrema importância que êsses boletins sejam entregues pontualmente, até o dia 5 do mês seguinte ao das anotações (R.I., art. 29, letra g). Além de pontuais, os boletins cumpre que sejam exatos e escrupulosamente escriturados, protegidas pelas ressalvas rubricadas tôdas as possíveis incorreções. Trata-se, nem mais, nem menos, que da vida escolar do aluno, do registro legal do que lhe ocorreu, médias e faltas, mês por mês. Documento importantíssimo,

DA DISCIPLINA

com o qual todo cuidado é pouco. À Secretaria da casa é indispensável que êsse registro venha à hora e a tempo, e em ordem: pensemos em que, cada mês, a Secretaria deve escrever, em duplicata (ficha e caderneta de cada aluno) muitas e muitas centenas de anotações, as quais não podem conter erro algum. Ademais disso, que se refere ao anverso do boletim, há o reverso, em cujos espaços adrede reservados, deve ser apontada; com a mesma clareza e com o mesmo escrúpulo, a matéria lecionada, aula após aula - o que também interessa, e muito, à administração. É, pois, a colaboração atenta dos Senhores Professôres que, como sempre, a Diretoria deseja, espera, e agradece.

x x x

10. DA DISCIPLINA

Ficou para o fim o problema ou, como seria melhor dizer, o pseudo-problema da disciplina. Pseudo-problema, sem dúvida, pois a disciplina desejável numa escola, porque necessária a seus elevados fins de formação, deve ser a decorrência natural das boas condições de trabalho. Preocupação absorvente com a disciplina, entendida exclusivamente, e estreitamente, como repressão, é sinal certo de incompreensão do problema pedagógico. E é dessa indesejável preocupação que nasce a crença, errada a mais não ser, de que existe, nas escolas, apertado e digno de atenção muito especial, um "problema de disciplina".

Para encurtar razões e exarar, muito claramente, a maneira de ver que perfilha, declara a direção do Colégio subscrever,

AINDA DA DISCIPLINA

integralmente, os judiciosos conceitos de RENÉ HUBERT, trasladados, a seguir, do excelente Traité de Pédagogie générale dêsse provector sociólogo e pedagogo.

"Não há duvidar de que, na escola, seja necessária uma ordem geral. (...) A ordem é, primeiramente, um ritmo de vida, imposto à criança desde o nascimento. A regra foi, de início, uma regularidade, a regularidade das refeições, dos cuidados de asseio, de sono. É elemento essencial e até, em certo sentido, o fundamento da natureza das coisas sociais, cuja realidade não é menor que a da natureza das coisas físicas. Uma pedagogia, pois, que se proponha, como fim, a perfeita adaptação do ser ao meio, deve apresentar-lhe a ordem como a lei de estrutura dêsse meio. A resistência dessa ordem social (e escolar) aos instintos e aos caprichos do ser é comparável à resistência dos objetos sólidos contra os quais êle embate. Esse choque é, para o ser, uma lição, porque é um limite; e assim aprende que deve dominar caprichos e instintos. O auto-domínio começa com a obediência à ordem. (...)."

"Mas, cumpre seja a disciplina proporcionada à natureza física e mental da criança, a cada estágio de seu desenvolvimento. Cumpre, igualmente, que, de um lado, cada uma das coerções impostas, à criança, pela disciplina, seja instituída no interesse único da criança e que, de outro, nenhuma de tais coerções lhe exceda a capacidade de submissão. A criança, aliás, as aceita tanto mais facilmente quanto se sente, ao mesmo tempo, amparada, protegida por elas e quanto, igualmente, sua necessidade de imitação, primeiro germe do conformismo social, encontra com que satisfazer-se nessa adesão às práticas comuns. E, mais: certas formas de ordem envolvem um elemento estético, ao qual, embora muito nova, a criança não é insensível (...)"

"... jamais se deve perder de vista, na instituição de regras disciplinares, isso de que seu fim essencial é, sempre, permitir à criança que as incorpore e domine, que delas faça regras íntimas e desejadas de sua própria existência; em resumo, conduzir a criança do simples adestramento heteronômico da primeira infância à autonomia da adolescência e da maturidade. (...) Daí, as consequências: é má, e deve ser condenada, toda disciplina que não reconhece as possibilidades da criança e vai abusivamente além delas, que exige sessões de trabalho demasiadamente longas, períodos de imobilidade e de silêncio contrários à natureza da criança, gestos e práticas para ela incompreensíveis, impondo-lhe, assim, verdadeiros, e intoleráveis, sofrimentos.

AINDA DA DISCIPLINA

É má, e deve ser condenada, toda disciplina que se reduz a ritos, movimentos, atitudes simbólicas e não passa de formalismo sem alma, unicamente destinado a manifestar a onipotência do mestre. É má, numa palavra, e deve ser condenada, toda disciplina estabelecida tão somente no interesse do mestre, para servir-lhe ao prestígio, à vaidade, ao prazer de mando ou, muito simplesmente, para aligeirar-lhe a tarefa, com dobrar, de uma vez para sempre, todas as veleidades de resistência das crianças; pois, tais processos são antes sinais de fraqueza que de autoridade e mais de indolência que de devotamento. A disciplina não deve servir para cavar um fôssco entre o educador e o educando." (Traité de Pédagogie générale, Collection "Logos", P.U.F., Paris, 1946, pp. 568-70).

Assim, o desejável é a presença, em cada classe e no Colégio todo, daquele ambiente de ordem e respeito, do qual a liberdade legítima não esteja excluída e no qual a espontaneidade infantil e juvenil seja, por meios humanos e dignos, sem sombra sequer de violência, dirigida e orientada no sentido de aplicação ao estudo, ao trabalho coletivo da escola. O desejável é a conciliação entre o respeito necessário à individualidade do educando e as restrições, igualmente necessárias, determinadas pelos valores sociais e morais que, com nosso trabalho, buscamos tornar efetivos.

A direção do Colégio continuará a prestigiar, como tem feito até aqui, e é de seu dever, a palavra e a ação dos Senhores Professôres inspirados nesse ideal. A essa declaração peremptória, de seja, contudo, juntar outra, não menos peremptória: jamais concordaria o Colégio com a prática de processos disciplinares de cunho menos pedagógico; e, não concordando, ver-se-ia constrangido a abrir mão do concurso de quem assim lamentavelmente procedesse; aliás, quem assim lamentavelmente procedesse já não estaria, na verdade, a cola-

DA EXCLUSÃO DE AULA

borar com o Colégio.

I. Da exclusão de aula. - Em matéria, ainda, de disciplina, venho lembrar aos Senhores Professôres a necessidade de restringir ao mínimo a prática da exclusão de aula. Excluir alunos por faltas mínimas é êrro, e êrro palmar, impróprio de professor que preza sua autoridade, por sabê-la emanação de sua personalidade de mestre autêntico, pleno de fôrça moral. A exclusão de aula poderá ocorrer, e às vêzes chegará a impor-se, mas apenas em casos de excepcional gravidade, dos quais a Diretoria deve sempre ter conhecimento. A Diretoria nunca poderia aprovar a prática indiscriminada e contínua de medida tão séria.

II. Da suspensão de alunos. - É também oportuno lembrar que a suspensão de alunos é de competência exclusiva da direção.

x x x

Chegamos ao têrmo da circular, espécie de portulano destas águas "rio-branquinas" ... Desejo agradecer, de novo, ao Senhor Professor, a fineza da leitura e, ainda mais, da observância e, quanto caiba, também da sugestão e da crítica. Pois, estamos todos a serviço de uma escola de genuíno espírito público, dado o completo desinterêsse material em que assenta. Escola dêsse tipo só pode ter uma aspiração: a de instruir e educar com o máximo de proveito intelectual, social e moral, em ambiente de convívio amável e compreensivo. Escola dêsse tipo só pode mantê-la respeitável o trabalho con

OS PROFESSORES SÃO A ALMA E A VIDA DA ESCOLA

jugado de mestres, discípulos e administradores. Nesse trabalho, porém, é de estrita justiça destacar o largo quinhão dos professores, que são a alma e a vida da escola. É o que a história da educação nos ensina, de ponta a ponta, através dos luminosos exemplos dos grandes mestres que, ainda quando ~~des~~sajudados de boas instalações e bons recursos materiais, ou até em extremos de penúria, conseguiram ser, plenamente, grandes mestres. Rendendo, pois, aos Senhores Professores a homenagem que lhes é devida, aqui reitero o agradecimento e lhes deixo cordialíssimas saudações, com os mais efusivos votos de saúde.

J. B. Damasco Penna

(J. B. Damasco Penna)

COLÉGIO RIO BRANCO

PATRIMÔNIO DA "FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO"

RUA DR. VILA NOVA, 285

TELEFONES { Diretoria : 4-0461
Portaria : 6-3641

SÃO PAULO

BIBLIOTECA

Anexo nº 1 à circular de 10/3/1952

LER MUITO É BOM.
LER BEM É MELHOR.
LER MUITO E BEM É ÓTIMO.

REGULAMENTO

1. — A Biblioteca é circulante entre professores e alunos do Colégio.

Não podem ser retirados:

- a) dicionários e demais obras de referência;
- b) publicações periódicas;
- c) obras raras ou particularmente valiosas, a juízo da Biblioteca.

2. — São as seguintes as normas da secção circulante:

- a) O leitor deve inscrever-se na Biblioteca;
- b) De cada vez, o leitor só poderá retirar um livro;
- c) O prazo para devolução é de dez (10) dias; pode ser prorrogado, também por dez dias; segunda e última prorrogação, sempre por dez dias, dependerá de o livro não ter sido solicitado por outro leitor.
- d) Pelo atraso na devolução o leitor pagará multa, cobrada na seguinte base:

I - Nos primeiros dez dias excedentes ao fixado para a devolução, cinquenta centavos por dia.

II - No segundo período de dez dias, um cruzeiro por dia.

III - Daí por diante, dois cruzeiros por dia.

e) O leitor é responsável pelo livro retirado; e, em caso de extravio ou dano, indenizará a Biblioteca, sob a forma de substituição ou pagamento do devido valor.

f) Os alunos suspensos não poderão retirar livros, durante o prazo da penalidade.

3. — A multa por atraso deverá ser paga à Bibliotecária, que recolherá à Tesouraria do Colégio a importância assim recebida.

4. — A Biblioteca utilizará os recursos havidos com a cobrança de multas *exclusivamente* na compra de novos livros e, dessa compra, dará notícia minuciosa aos leitores.

ERROS VULGARES DE LINGUAGEM

(Lista preparada pelos Professôres NASCIMENTO e SALES CAMPOS) Anexo nº 2 à circular de 10/3/1952)

1. Emprêgo do verbo ter, que é pessoal, em lugar do impessoal haver: Hoje tem aula; tinham 20 alunos na classe. Empregue-se: Hoje há, havia 20 alunos.

=====

2. Uso do verbo fazer pessoalmente, quando tem a significação de haver, caso em que é impessoal: Fazem 10 anos que isso aconteceu. A expressão correta é: Faz 10 anos.

=====

3. Uso constante e abuso do verbo falar como transitivo direto, em vez de dizer, declarar, afirmar, assegurar, etc: Ele falou isso; ela falou que você falou que vem amanhã. Substituir por: Ele disse isso, êle declarou, etc.

=====

4. Confusão entre ouvir e escutar. A ação de escutar, ao contrário da de ouvir, exige atenção. Pode-se escutar sem ouvir, como se ouve, na maioria das vezes, sem escutar. Não têm nenhuma justificação frases dêste tipo: Fale alto para que eu escute melhor.

=====

5. Emprêgo constante de pêgo, particípio passado irregular do verbo pegar: Eu fui pêgo. Trata-se de regionalismo que choca, quando usado fora de São Paulo. Prefira-se: Fui pegado.

=====

6. Uso do verbo gostar, que é transitivo indireto: As frutas que eu gosto são as nacionais. Corrija-se: De que gosto.

=====

7. O verbo ir, regido pela preposição em, que indica estabilidade, em vez de a, que indica movimento: Vou no cinema, em vez de Vou ao cinema.

=====

8. O mesmo verbo, regido pela preposição com, em lugar de em: Irei com o trem das seis. O certo é: Irei no trem.

=====

Anexo nº 2

9. O emprêgo de ser e estar, regidos pela preposição em, em frases como estas: Éramos em cinco; estávamos em seis. Use-se: Éramos cinco ou: em número de cinco.

=====

10. O emprêgo da primeira pessoa do pretérito do verbo vir, em vez do presente: Vimos agora à sua presença ... Forma correta: Vimos agora à sua presença.

=====

11. Uso da expressão emprestar de, que não existe na língua, em lugar de tomar emprestado: Emprestei êste livro de fulano. Deve-se dizer: Tomei emprestado.

=====

12. O verbo preferir, que é regido exclusivamente pela preposição a, em frases como: preferir mais e preferir do que: Prefiro mais o cinema do que qualquer outra diversão. Em vez de: Prefiro o cinema a qualquer outra diversão, que é a frase vernácula.

=====

13. O verbo querer que, com a significação de estimar, é transitivo indireto, empregado como transitivo direto, especialmente no final das cartas: Do amigo que o quer muito. Corrija-se: Do amigo que lhe quer muito.

=====

14. O verbo simpatizar usado pronominalmente, como na frase seguinte: Eu me simpatizo com êle. O me deve ser supresso.

=====

15. É comuníssimo ouvir frases dêste feitio: Compra-se livros; terminou-se os exercícios. São erros crassos de concordância, só explicados pela ignorância da função do se, partícula apassivadora. Corrija-se: Compram-se livros, terminaram-se os exercícios.

=====

16. São correntes expressões como as seguintes: Mandei êle entrar; fiz êle correr. Devem ser substituídas pelas formas corretas: mandei-o entrar; fi-lo correr.

=====

17. Há também o erro contrário ao anterior, que consiste no emprêgo das formas indiretas mim e ti, antes dos infinitivos: Esta pena é para mim escrever; êste livro é para ti leres.

=====

18. São usados insistente e errôneamente no plural os vocábulos modos e maneiras, nas expressões de modo que e de maneira que. Suprima-se o "s".

=====

19. Os adjetivos indefinidos todos e tôdas devem ser sempre seguidos do artigo, mas comumente ouvimos ou lemos frases incorretas como: todos alunos estão presentes; todos livros foram recebidos.

=====

20. Devem ser evitados os seguintes erros prosódicos: Estratêgia, por estratêgia; carâcteres, por caractères; púdico, por puídico; rúbrica, em vez de rubrica; ávaro, por aváro; áustero, por austéro; espécime, por espécime.

=====